

UNIESP
•• UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO ••

WWW.UNIESPMG.EDU.BR - (35) 3558 6261

ISEP
•• Instituto Superior de Educação Paraíso ••

UNIÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE PARAÍSO

**TRABALHANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO**

AUTORA: ELEZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA RIBEIRO

ORIENTADORA: FABÍOLA DANTAS ANDRÉZ NOBRE

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

TRABALHANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

AUTORA: ELEZÂNGELA APARECIDA DE OLIVEIRA RIBEIRO

Monografia apresentada à UNIESP – União de Escolas Superiores Paraíso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Fabíola Dantas Andr ez Nobre

São Sebastião do Paraíso – MG
2009

TRABALHANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Fabíola Dantas Andréz Nobre
Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso - MG

2009

DEDICATÓRIA

A Bernadete Aparecida Aguiar por ter me dito o sim na hora em que mais precisava e ter tornado este trabalho realidade.

A Sílvia Aparecida Mano, *in memoriam*, madrinha querida, que viverá sempre em meu coração.

A Patrícia Ribeiro Campos, que muito me ajudou em todo este processo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai e senhor, que criou as inteligências múltiplas e permite aos educadores trabalhar com amor, humanidade e misericórdia, as principais sementes lançadas em nossos corações.

Aos meus pais Sebastião e Maria, que em sua simplicidade me ensinaram as lições mais importantes da vida.

Aos meus irmãos Hélio, Edson e Érica, meus melhores exemplos e grande motivo de orgulho.

Ao meu esposo Laercio, pelo amor e companheirismo durante esses anos de estudos, e por sempre me motivar a lutar pelo que acredito.

À minha orientadora Fabíola Dantas Andréz Nobre por colaborar com este trabalho com toda atenção e competência costumeiras.

À diretora da Escola Municipal Wulfida Marcolini, Maria Ermínia Preto de Oliveira Campos e sua equipe, pela acolhida, colaboração e cordialidade durante a coleta de informações.

*“Um semeador saiu para semear.
Ao lançar a semente, alguns grãos caíram pelo
caminho e vieram as aves e os comeram.
Outros caíram em terreno pedregoso,
onde havia pouca terra;
logo cresceram,
porque não tinham solo profundo.
Mas quando veio o sol,
ficaram queimados
e como não tinham raízes, murcharam.
Outros caíram entre espinhos,
que cresceram e os sufocaram.
Outros caíram em terra boa, e brotaram,
e cresceram, e deram frutos,
uns trinta, outros sessenta e outros cem”*

Evangelho de Marcos 4: 3, 9

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	09
2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS	10
2.1 - Inteligência Lógico Matemática	15
2.2 - Inteligência Verbal-Linguística.....	16
2.3 - Inteligência Visual-Espacial.....	17
2.4 - Inteligência Corporal Cinestésica.....	18
2.5 - Inteligência Interpessoal.....	19
2.6 - Inteligência Intrapessoal.....	20
2.7 - Inteligência Musical.....	21
2.8 - Inteligência Naturalista.....	21
2.9 - Inteligência Existencial.....	23
3 - COMPREENDENDO O CICLO DA ALFABETIZAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIEDADE.....	24
3.1 - A organização do Ensino Fundamental de nove anos.....	25
3.2 - Ciclo da Alfabetização.....	26
3.3 - Interdisciplinaridade.....	27
3.4 - O professor e a prática interdisciplinar.....	28
4 - APLICANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS EM SALA DE AULA.....	31
4.1 - Exemplos de atividades.....	32
4.2 – Como ministrar?.....	34
4.3 - A questão da disciplina em sala de aula.....	37
4.4 - Evitando a estereotipação.....	38
4.5 - Aluno resistente a mudanças.....	39
4.6 - A avaliação do educando.....	40
5 - UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO.....	43
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	50
BIBLIOGRAFIA.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

QI - Quociente de Inteligência

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

LDBE - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

BNC - Base Nacional Comum

RESUMO

O presente trabalho destina-se a obter melhor compreensão sobre como trabalhar a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner através da interdisciplinaridade e seus benefícios ao serem aplicadas no Ciclo da Alfabetização (anos iniciais do Ensino Fundamental). A pesquisadora colheu informações em estágios de observação, pesquisas na internet e livros dos autores relacionados ao tema. Foram também consultados documentos oficiais da Secretaria da Educação, planejamento de professores, cadernos, trabalhos e avaliações dos alunos. No primeiro capítulo, tem-se a definição do que vem a ser as inteligências múltiplas, como elas surgiram e seus conceitos. A seguir, há uma explanação sobre o Ensino Fundamental e o Ciclo da Alfabetização: organização, divisões, formas de trabalho, objetivos. Há também informações sobre o que vem a ser interdisciplinaridade, como trabalhá-la, seus efeitos. Finalizando a terceira parte, há muitas sugestões de atividades e relatos de situações vivenciadas em sala de aula. As conclusões básicas a que se chegou com este trabalho sugerem que recente e moderna, esta nova técnica de ensino baseia-se em valorizar a individualidade do estudante, trabalhando-o em suas habilidades mais desenvolvidas para que possa alfabetizar-se de forma prazerosa e criativa. Ao invés dos métodos tradicionais que predominavam até a década de 90, as inteligências múltiplas aliam-se a teoria do Construtivismo, informando que atividades diversificadas, longe do antigo padrão de sala de aula, carteiras enfileiradas e giz, geram aprendizado rápido e visivelmente com maior eficácia.

Palavras-chave: Inteligências Múltiplas; Alfabetização; Interdisciplinaridade.

1 - INTRODUÇÃO

A educação sempre seguiu um padrão de generalismos. Independentemente do método de alfabetização empregado, o ser humano sempre foi educado em massa. Com os avanços da psicologia, os estudiosos perceberam que o sucesso total em uma sala de alfabetização está intimamente ligado ao trabalho individualizado com o aluno.

Pesquisas apontaram que não existe uma inteligência única e igualitária, mas multifacetada. Quando abordada uma dessas faces em que o educando parecia ter mais habilidade, a aquisição do conhecimento era mais rápida e fácil do que pelos métodos generalistas.

Com essa descoberta, surgiu a Teoria das Inteligências Múltiplas. Este estudo pretende-se alcançar melhor compreensão sobre como trabalhar sua aplicação em sala de aula, durante o Ciclo da Alfabetização.

Para a grande maioria dos pedagogos, a maior recompensa para o educador é o aprendizado do seu aluno. Se este não consegue aprender pelos caminhos tradicionais, é preciso buscar alternativas viáveis e interessantes, que antes de tudo, promovam a construção do conhecimento pela criança de uma forma prazerosa.

2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

*“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem;
lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.”*
Boaventura de Souza Santos

Até meados de 1.900, não existiam testes capazes de quantificar a (QI) Quociente de Inteligência dos estudantes. Por solicitação da secretaria de ensino de seu país, o psicólogo francês Binet (1.857-1.911) criou o primeiro método para tal avaliação que é usado até os dias hoje. O teste de QI, como mais tarde ficou conhecido, mediu basicamente, a capacidade de dominar o raciocínio que hoje se conhece como lógico-matemático, mas durante muito tempo foi tomado como padrão para aferir se as crianças correspondiam ao desempenho escolar esperado para a idade delas.

Esta forma de teste começou a ser modificada por Piaget (1896-1980) que em suas pesquisas, constatou a importância de se valorizar o conhecimento prévio das crianças e mostrou como se dá o processo de aprendizado do mundo ao redor e das emoções nos primeiros anos de vida através dos estágios que evidenciou.

Somente na segunda metade do século XX, baseando-se nos estudos de Piaget (1896-1980) e outros estudiosos como Sternberg (1974), que estudou as variações dos conceitos de inteligências em diferentes culturas, é que o cientista norte-americano formado na Universidade de Harvard, Gardner (1987), começou a questionar a acertabilidade destes testes e a partir de suas observações, criou a teoria das inteligências múltiplas .

Para Gardner (1995):

Esta teoria é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação.

O cientista sugere que não existem habilidades gerais, duvida da possibilidade de se medir a inteligência através de testes de papel e lápis e dá grande importância a diferentes atuações valorizadas em culturas diversas. Finalmente, Gardner define inteligência como “a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais.” (Gardner, 1989)

O interesse de Gardner (1989) pelos processos de aprendizagem já estava presente nos primeiros estudos de pós-graduação, quando pesquisou as descobertas do suíço Piaget (1896-1980). Por outro lado, a dedicação à música e às artes, que começou na infância, o levou a supor que as noções consagradas a respeito das aptidões intelectuais humanas eram parciais e insuficientes.

Psicólogo construtivista com influência piagetiana, Gardner (1989) diferencia-se deste na medida em que Piaget (1974) acreditava que todos os aspectos da simbolização partem de uma mesma função semiótica; enquanto que, ele acredita que processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos gestuais ou outros.

Segundo Gardner (1989):

Uma criança pode ter um desempenho precoce em uma área (o que Piaget chamaria de pensamento formal) e estar na média ou mesmo abaixo da média em outra (o equivalente, por exemplo, ao estágio sensório-motor).

A sequência de estágios se inicia com o que Gardner (1987) chama “de habilidade de padrão cru”. O aparecimento da competência simbólica é visto em bebês quando eles começam a perceber o mundo ao seu redor. Nesta fase, apresentam capacidade de processar diferentes informações. Eles já possuem, no entanto, o potencial para desenvolver sistemas de símbolos, ou simbólicos Piaget (1974).

O cientista americano descreve o desenvolvimento cognitivo como uma capacidade cada vez maior de entender e expressar significado em vários sistemas simbólicos utilizados num contexto cultural, e sugere que não há uma ligação

necessária entre a capacidade ou estágio de desenvolvimento em uma área de desempenho e capacidades ou estágios em outras áreas ou domínios Malkus e Col. (1988).

Conforme salienta Gardner (1985):

Num plano de análise psicológico, cada área ou domínio tem seu sistema simbólico próprio; num plano sociológico de estudo, cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento de competências valorizadas em culturas específicas.

Gardner (1985) elucida ainda que as habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal, mas verticalmente. Ao invés de haver uma faculdade mental geral, como a memória, talvez existam formas independentes de percepção e aprendizado, em cada área ou domínio, com possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma relação direta.

Por fim, o cientista valeu-se do mapeamento encefálico mediante técnicas surgidas nas décadas recentes. Na elaboração de sua teoria, ele partiu da observação do trabalho dos gênios.

Segundo Gardner (1995):

Os superdotados possuem habilidades inimagináveis numa área e pouca facilidade em outras. A primeira implicação da teoria das múltiplas inteligências é que existem talentos diferenciados para atividades específicas. O físico Albert Einstein tinha excepcional aptidão lógico-matemática, mas provavelmente não dispunha do mesmo pendor para outros tipos de habilidade. O mesmo pode ser dito a respeito de Bethoven. Por outro lado, embora essas capacidades sejam independentes, raramente funcionam de forma isolada.

O estudo de pessoas com lesões e disfunções cerebrais ajudou na formulação de hipóteses sobre a relação entre as habilidades individuais e determinadas regiões do órgão. Pesquisas mais recentes em desenvolvimento cognitivo e neuropsicologia sugerem que as habilidades cognitivas são bem mais diferenciadas e mais específicas do que se acreditava Gardner (1985).

Neurologistas têm documentado que o sistema nervoso humano não é um órgão com propósito único nem tão pouco é infinitamente plástico. Acredita-se, hoje, que o sistema nervoso seja altamente diferenciado e que diferentes centros neurais processem diferentes tipos de informação.

A insatisfação de Gardner (1989) com a idéia de QI e com visões unitárias de inteligência, que focalizam sobretudo as habilidades importantes para o sucesso escolar, levou-o a redefinir inteligência à luz das origens biológicas da habilidade para resolver problemas. Para Gardner (1989), “todos os indivíduos normais são capazes de uma atuação em pelo menos nove diferentes e, até certo ponto, independentes áreas intelectuais”.

Através da avaliação das atuações de diferentes profissionais em diversas culturas, e do repertório de habilidades dos seres humanos na busca de soluções, culturalmente apropriadas, para os seus problemas, o cientista americano Gardner trabalhou no sentido inverso ao desenvolvimento, retroagindo para eventualmente chegar às inteligências que deram origem a tais realizações.

Em suas conclusões, a princípio, levaram à existência de sete tipos de inteligências, que evoluíram com a inclusão das duas últimas, naturalista e existencial, a serem citadas na listagem abaixo:

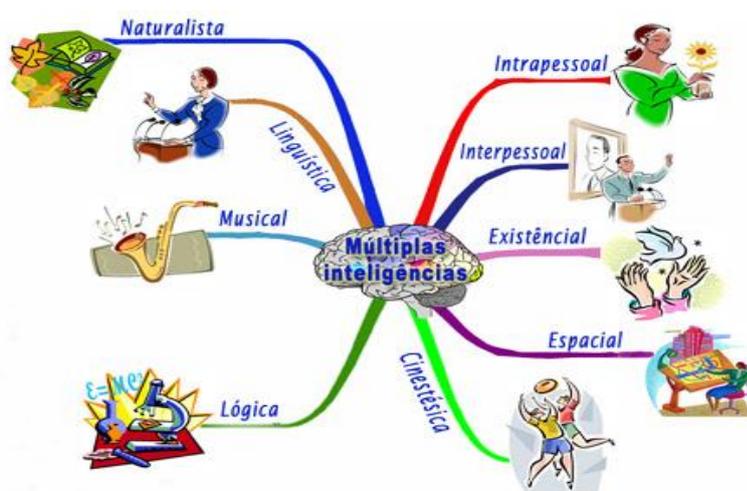


Figura 1: Esquema das inteligências múltiplas

Fonte: <http://criatividade.files.wordpress.com>

Numa definição sucinta, basicamente as inteligências são assim rotuladas pela autora do trabalho:

1 – Lógico - Matemática é a capacidade de realizar operações numéricas e fazer deduções;

2 – Verbal - Lingüística é a habilidade de aprender idiomas e de usar a fala e a escrita para atingir objetivos;

3 – Visual - Espacial é a disposição para reconhecer e manipular situações que envolvam apreensões visuais;

4 – Corporal - Cinestésica é o potencial para usar o corpo com o fim de resolver problemas ou fabricar produtos;

5 – Interpessoal é a capacidade de entender as intenções e os desejos dos outros e conseqüentemente de se relacionar bem em sociedade;

6 – Intrapessoal é inclinação para se conhecer e usar o entendimento de si mesmo para alcançar certos fins;

7 – Musical é a aptidão para tocar, apreciar e compor padrões musicais;

8 – Naturalista é a inteligência de reconhecer e classificar as espécies da natureza;

9 - Existencial é a capacidade de refletir sobre questões fundamentais da vida humana;

Para melhor visualização das características de cada uma dessas nove faces da inteligência humana, segue-se uma definição completa de todas, indicando inclusive em quais profissões cada uma está mais nítida para percepção. O intuito é facilitar ao professor identificar pelas descrições abaixo, quais os alunos que apresentam tais características mais desenvolvidas.

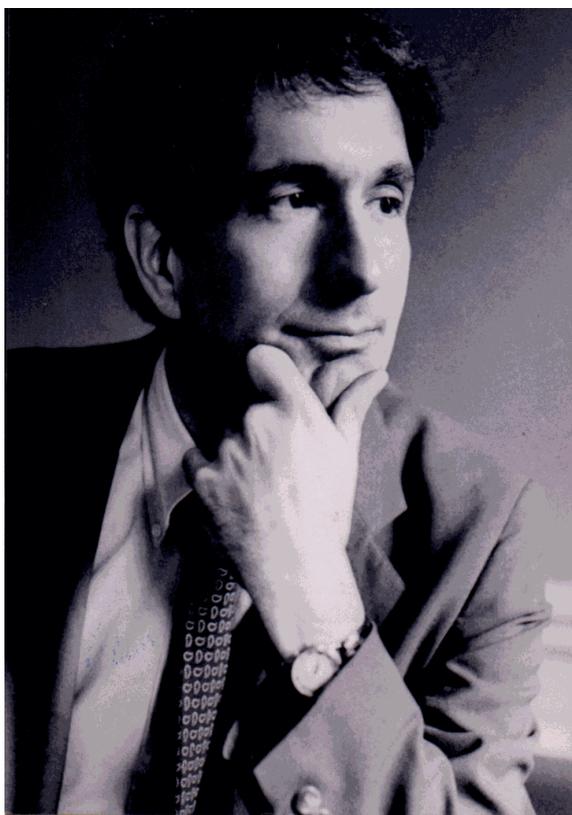


Figura 2: Howard Gardner

Fonte: <http://creearprendizagens.blogspot.com>

2.1 - Inteligência Lógico-Matemática

A definição de "lógico-matemática" desenvolve-se no confronto do sujeito com o mundo dos objetos. Essa forma de inteligência, portanto, manifesta-se na facilidade para o cálculo, na capacidade de perceber a geometria nos espaços, no prazer específico que algumas pessoas sentem ao descansar resolvendo um quebra-cabeça que requer pensamento.

Para Gardner (1995):

[...] É a habilidade para explorar relações, categorias e padrões, através da manipulação de objetos ou símbolos e para experimentar de forma controlada; para lidar com série de raciocínios, para reconhecer problemas e resolvê-los. É a inteligência característica de matemáticos e cientistas.

Embora o talento científico e o talento matemático possam estar presentes num mesmo indivíduo, os motivos que movem as ações dos cientistas e dos matemáticos não são os mesmos. Enquanto os matemáticos desejam criar um mundo abstrato consistente, os cientistas pretendem explicar a natureza.

A criança com especial aptidão nesta inteligência demonstra facilidade para contar e fazer cálculos matemáticos e para criar notações práticas de seu raciocínio.

Entre todas as inteligências, indiscutivelmente, a lógico-matemática e a verbal são as de maior prestígio (Antunes, 1995). O estímulo a essa forma de inteligência encontra-se muito bem fundamentado nos estudos do psicólogo suíço Piaget (1974):

Segundo sua concepção:

O entendimento lógico matemático deriva, inicialmente, das ações da criança sobre o mundo quando, ainda no berço, explora suas chupetas, seus chocalhos, seus móveis e outros brinquedos para, em seguida, formar expectativas sobre como esses objetos irão se comportar em outras circunstâncias.

Ao reconhecer a permanência do objeto, pensar e referir-se a ele mesmo em sua ausência, a criança torna-se capaz de reconhecer as similaridades entre objetos, ordenando-se em classes e conjuntos. O desenvolvimento matemático segue a passagem das ações sensório-motoras para operações formais concretas e a capacidade de cálculo avança para raciocínios lógicos. O simples exercício de buscar a lógica das coisas ou de descobrir que determinados enunciados que não

apresentam qualquer lógica constituem os exercícios pedagógicos de trabalhar as habilidades de classificação, comparação ou dedução.

A relação dessa inteligência com as demais inteligências é muito mais explícita. A beleza da lógica e a expressão pura da matematização do cotidiano precisam da inteligência lingüística e essa busca espacial da matemática não dispensa a inteligência sinestésica corporal. Não há nada mais matemático do que a dança de um grande bailarino, e a própria expressão da geometria não dispensa a inteligência pictórica. A espacialidade é quase nada sem matemática e os grandes músicos fazem da sua arte uma matemática sonora.

São necessárias interações abstratas, problemas matemáticos, análises algébricas, jogos como gamão e xadrez, games específicos, softwares educativos, que explorem a dedução e o raciocínio analítico. Os desafios ligados à engenharia e à arquitetura representam procedimentos recomendáveis, mesmo para os que não busquem essa alternativa lúdica ou profissional.

2.2 - Inteligência Verbal – Linguística

A inteligência verbal-lingüística pode ser conceituada como a capacidade em adquirir, compreender e dominar as expressões da linguagem colocando em ação a semântica e a beleza na construção da sintaxe. Presente em escritores, romancistas, jornalistas, palestrantes e poetas, mostra-se expressiva também em pessoas que cultuam a palavra e a construção de idéias verbais ou escritas. Consiste na capacidade de pensar com palavras e de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos. (Gardner, 1985).

Crianças com expressiva capacidade lingüística surpreendem pelo vocabulário que conhecem e utilizam. Algumas crianças adoram ler, escrever e contar histórias, mostrando interesse por rimas, trocadilhos, charadas e jogos com palavras.

A inteligência verbal, lingüística ou cognitiva é estruturada mentalmente através do diálogo, da leitura e do raciocínio.

Para Celso Antunes (1995):

A racionalidade do ser humano está, principalmente, ligada ao seu processo de linguagem, que por sua vez, originou-se e está ligada a características complexas, como a capacidade de manipulação,

vivência social, percepção ambiental e corporal tridimensional. Estas capacidades, de modo retroativo, estão em constante processo de reciclagem e re-elaboração pelo processo linguístico. A linguagem melhora o cérebro e o cérebro aprimora a linguagem.

Os elementos centrais da inteligência linguística, em sua origem é uma sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. É a habilidade do uso da linguagem para convencer, agradar, estimular ou transmitir idéias, além de lidar na forma escrita e falada com a linguagem de forma mais criativa e integrada. Políticos, jornalistas, vendedores exibem também com mais destaque essa inteligência. (Gardner, 1985)

2.3 – Inteligência Visual - Espacial

A área da inteligência visual-espacial é a arte de quem sabe lidar com a imagem nas três dimensões seja para decodificá-la rapidamente, seja para conseguir visualizá-la mesmo que não esteja impressa. Indispensável para pilotos de aviação, cirurgiões, arquitetos, engenheiros, *web designers*, as belas artes, pintores, escultores, navegadores, naturalistas, jogadores de xadrez e estrategistas militares. (Gardner, 1995)

As pessoas que têm esta habilidade mais desenvolvida pensam em figuras, cria imagens mentais, utiliza metáforas, gosta de arte: desenho, pintura, escultura, lê com facilidade mapas e gráficos. Lembra-se com figuras, utiliza todos os sentidos para formar imagens e tem bom senso de direção. Basicamente, essa inteligência é marcada pela capacidade em perceber, através das diferentes modalidades da visão, o mundo de maneira geral (ou detalhada) de forma precisa. (Gardner, 1991)

É a habilidade para manipular espaços, formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição numa representação visual ou espacial.

Antunes (1996) afirma que:

Em crianças pequenas, o potencial especial nessa inteligência é percebido através da habilidade para quebra-cabeças e outros jogos espaciais, orientação espacial até mesmo com os olhos fechados e a atenção a detalhes visuais. Essa inteligência de fotografias e

imagens inclui a capacidade de perceber o mundo visual de modo preciso e de ser capaz de recriar experiências visuais.

As pessoas que possuem essa inteligência desenvolvida transferem imagens em suas mentes para o novo objeto que estão criando ou aperfeiçoando. As percepções visuais são misturadas com o conhecimento prévio, a experiência, as emoções e imagens a fim de criar uma nova visão para os outros experimentarem. (Gardner, 1995)

Para Gardner (1995):

Os alunos com inteligência espacial têm a habilidade de perceber com perspicácia: cor, linhas, formas, formatos, espaço, e as relações que existem entre esses elementos. [...] Também têm a habilidade de visualizar, representar graficamente idéias visuais ou espaciais, entender a posição de uma pessoa em uma matriz.

2.4 – Inteligência Corporal Cinestésica

A inteligência corporal-cinestésica está relacionada com o movimento físico e com o conhecimento do corpo. É a habilidade de usar o corpo para expressar uma emoção (dança e linguagem corporal) ou praticar um esporte, por exemplo. Garrincha, reprovado no teste de QI, provavelmente apresentaria um ótimo desempenho nesta inteligência se esta fosse submetida a um teste psicométrico. (Gardner, 1985)

Segundo Gardner (1991), "o controle do movimento corporal está, evidentemente, localizado no córtex motor, com cada hemisfério dominante ou controlador dos movimentos corporais no lado contra-lateral". Porém, é possível acrescentar outras áreas corticais também importantes para a realização do movimento.

Conforme afirma Machado (1981):

Uma delas é o giro pós-central, onde está localizado o Homúnculo de Penfield sensitivo. É uma representação somatotópica: cada ponto sensitivo do corpo tem uma representação nesta parte do córtex. Por exemplo, a mão, que possui muitos receptores sensitivos, possui uma representação grande no córtex enquanto que o pé, com menos receptores, possui uma área menor.

Deste modo, esta área cortical tem como função sentir, perceber o corpo para que o movimento possa ser harmônico. “Outra área importante é o córtex pré-motor, que integra os impulsos motores no tempo, permitindo a criação de movimentos habilidosos, suaves e finos”. (Lúria, 1981)

A inteligência corporal-cinestésica pode ser melhor observada em atores, atletas, mímicos, artistas circenses e dançarinos profissionais. Esta inteligência está relacionada ao movimento físico e ao conhecimento do corpo. É a habilidade de usá-lo para expressar uma emoção ou praticar um esporte, por exemplo. O educando aprende melhor movimentando-se, tocando ou mexendo nas coisas. Desta forma, processa conhecimentos através de sensações corporais, envolve-se em atividades esportivas, desempenha atividades motoras, gosta de tocar ou ser tocado quando fala com as pessoas, aprende usando manipulações e outras práticas. Essa faceta da inteligência humana é manifestada na solução de problemas relacionados ao corpo. Nos destros, a dominância é encontrada no hemisfério esquerdo do cérebro. Constitui-se também a perícia de trabalhar com objetos envolvendo o corpo. Podemos observá-la melhor em bailarinos, atletas, cirurgiões. (Antunes, 1991)

Segundo Gardner (1995):

A capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção (como na dança), jogar um jogo (como num esporte) ou criar um novo produto (como no planejamento de uma invenção) é uma evidência dos aspectos cognitivos do uso do corpo.

2.5 - Inteligência Interpessoal

Esta inteligência interpessoal pode ser descrita como uma habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Esta inteligência é mais bem apreciada na observação de psicoterapeutas, professores, políticos e vendedores bem sucedidos. Na sua forma mais primitiva, a inteligência interpessoal se manifesta em crianças pequenas com a habilidade para distinguir pessoas, e na, na sua forma mais avançada, com a habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. (Gardner, 1995)

Crianças especialmente dotadas demonstram muito cedo uma habilidade para liderar outras crianças, uma vez que são extremamente sensíveis às

necessidades e sentimentos de outros. Para Gardner (1995) “a inteligência interpessoal é a capacidade de entender e reagir corretamente em face de desejos, humores, temperamentos, idéias, valores, interesses e motivações de outras pessoas”.

Todo ser humano é dotado de razões e emoções, entretanto inversamente do que é proposto, a inteligência interpessoal propõe que o indivíduo seja emocional (em primeiro lugar) e racionais, tomando por base a empatia e aptidões sociais que através de hábitos, atitudes e comportamentos pode tornar uma pessoa bem aceita. Esta facilidade de interação entre pessoas destaca alguns pontos como ser prestativo, comportado, tratar as pessoas com consideração, ser humilde, atencioso, simples, bem-humorado, disposto e saber elogiar. (Antunes, 1996)

Em contrapartida, uma pessoa também pode ser rejeitada por outras pessoas se não conhece bem sua inteligência interpessoal e não a aperfeiçoa. Uma pessoa rejeitada e racional se destaca por falar alto, impor sua vontade, contar vantagem, ser egocêntrico, se fazer de vítima, ser fofoqueiro e intrigueiro.

Cargos de liderança são exercidos por pessoas que dominam bem esta inteligência.

2.6 - Inteligência Intrapessoal

A Inteligência Intrapessoal é uma capacidade correlativa, voltada para dentro, é a capacidade em que o indivíduo forma um modelo apurado e verídico de si mesmo e utilizar esse modelo para operar efetivamente na vida. Tal inteligência é marcada pelo relacionamento consigo mesmo, auto-conhecimento, habilidade de administrar seus sentimentos e emoções a favor de seus projetos. É a promotora da auto-estima. (Gardner, 1995)

Para Antunes (1995):

É o correlativo interno da inteligência interpessoal, isto é, a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e idéias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias, a capacidade para formular uma imagem precisa de si próprio e a habilidade para usar essa imagem para funcionar de forma efetiva.

Como esta inteligência é a mais pessoal de todas, ela só é observável através dos sistemas simbólicos das outras inteligências, ou seja, através de manifestações lingüísticas, musicais ou cinestésicas. A intrapessoal permite que o indivíduo conheça suas capacidades e possa usá-las da melhor forma possível. Supõe a probabilidade de compreender a si mesmo, de ter um modelo útil e eficaz de si, que inclua os próprios desejos, medos e capacidades de empregar esta informação com eficiência na regulação da própria vida. Manifesta-se em pessoas com boa auto-estima e capazes de boa interação, como pacifistas, terapeutas. (Antunes, 1998)

2.7 - Inteligência Musical

A inteligência musical pode ajudar não só a entender, apreciar e aprender sobre música, mas também a analisar o mundo ao redor. As várias dimensões do mundo e da sociedade que nos circundam podem ser analisadas e explicadas a partir da inteligência musical ou podem ser comentadas mediante letras de músicas. Ou seja, os músicos não se fartam de comentar o cotidiano a partir da arte musical.

A música pode ser vista como canal interpretativo do real. (Gardner, 1995)

Segundo Gama (2008):

Aquilo que se teorizou como inteligência musical é descrito como "habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical". Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música.

Os jovens com inteligência musical gostam de estar rodeados de som, gostam de estudar com música. Ouvem muita música e aprendem facilmente canções e ritmos. No seu pensamento surgem muitas vezes ritmos e melodias. Possivelmente cantam com frequência e/ou tocam/querem aprender a tocar um instrumento. Poderão também gostar de assobiar e de cantarolar. Gostam mais de contar histórias do que de lê-las. Podem gostar de marcar ritmos com o corpo, por exemplo, com o pé, ou batendo com um lápis ou uma caneta. (Gardner, 1991)

2.8 - Inteligência Naturalista

A inteligência naturalista é a capacidade de identificar e classificar padrões na natureza. Essa inteligência como todas as outras tem sua origem no instinto de sobrevivência. O homem pré-histórico dependia desse tipo de percepção para identificar a flora e a fauna que podia ou não ser comida. Atualmente, essa percepção permite interagir com o ambiente e entender o papel que ele desempenha em nossa vida. (Antunes, 1991)

Esta inteligência é também conhecida como inteligência biológica ou ecológica. A pessoa tem capacidade para perceber a natureza de maneira integral e sentir processos de acentuada empatia com animais e com as plantas. Apresenta uma afinidade que pode estender-se a um sentimento ecológico, uma percepção de ecossistemas e habitats. É uma manifestação geralmente em biólogos, jardineiros, paisagistas, ecologistas e amantes da natureza. Envolve a capacidade de fazer discriminações no mundo natural entre uma planta e outra, um animal e outro, variedades de nuvens, formações rochosas, configurações de mares, e assim por diante.

Em um nível mais sutil, alguns seres humanos antigamente possuíam capacidades para distinguir variedades de lagartos, de plantas, arbustos ou rochas. A sociedade globalizada mundial e consumista também depende da inteligência naturalista para distinguir um tênis de outro, um automóvel de outro, etc.

Entretanto, a Inteligência Naturalista, não está obrigatoriamente relacionada somente ao meio ambiente, plantas etc. Algumas pessoas têm uma capacidade muito mais apurada para diferenciar os detalhes entre os produtos e serviços de uma mesma espécie.

Faccin (2009) explica que:

[...] É por isso que quando se pergunta às pessoas qual o creme dental que usam, algumas especificam não apenas a marca, mas também a variedade específica da marca, por exemplo: “Colgate Ultra Fresh”. É certo que alguns nem sabem bem o que é esse tal de “Ultra Fresh”, mas outras sim, sabem, porque se interessam muito pela especificidade dos produtos e serviços que usam. Já outras dizem: compro ‘qualquer um’ ou ‘o que for mais barato’, porque é tudo a mesma coisa.

Para o referido autor, estas últimas têm mais dificuldade de perceber as especificidades, precisam desenvolver a inteligência naturalista, pois assim, será

maior a sua sensibilidade para perceber a diferença dos detalhes de qualidade entre os diversos produtos e serviços de uma mesma categoria.

2.9 - Inteligência Existencial

Esta face da inteligência humana é a capacidade de se situar sobre os limites mais extremos do cosmos e em relação a elementos da condição humana como o significado da vida, o sentido da morte, o destino final do mundo físico e ainda outras reflexões de natureza filosófica ou metafísica. Marcante em pessoas com forte espiritualidade é a inteligência dos filósofos, sacerdotes, xamãs, gurus e ainda outros. (Gardner, 1987)

O que leva as pessoas a desenvolver capacidades inatas é a educação que recebem e as oportunidades que encontram. Para Gardner (1989) “cada indivíduo nasce com vasto potencial de talentos ainda não moldado pela cultura, o que só começa a ocorrer por volta dos 5 anos”.

Segundo Gardner (1987):

A educação costuma errar ao não levar em conta os vários potenciais de cada um. Além disso, é comum que essas aptidões sejam sufocadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas. Preservá-las, já é grande serviço ao aluno.

A intenção deste trabalho é mostrar que, utilizando as informações apresentadas, a alfabetização pode se dar de maneira mais dinâmica e interessante para o aluno.

O professor pode e deve lançar mãos dos desafios matemáticos, tão popularizados através da teoria construtivista. Usar e abusar das leituras convencionais ou não, trabalhos manuais, trabalhos em grupo, da música, da dança, do meio ambiente, enfim, integrar todas as faces da inteligência, a fim de que todos possam sentir-se bem e capazes de alguma forma.

É evidente que mesmo o aluno com o maior grau de desinteresse sinta-se motivado a participar de jogos, paródias, desenhos, confecção de brinquedos, ouvir e cantar músicas relacionadas ao conteúdo ministrado em sala de aula. Com criatividade e perspicácia, é possível recuperar o estudante até então perdido e apresentá-lo ao infinito poder de suas capacidades. (Gardner, 1987)

3 - COMPREENDENDO O CICLO DA ALFABETIZAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIEDADE

O objetivo de nove anos de ensino obrigatório é assegurar para todas crianças um tempo maior de convívio escolar, melhores oportunidades de aprender. É evidente que a aprendizagem não depende do aumento de tempo de permanência na escola, mas sim do emprego eficaz deste período. No entanto, a associação de ambos deve contribuir significativamente para que os educandos aprendam mais. (Gardner, 1987)

Há vinte anos atrás, quando se falava em Ensino Fundamental, pensava-se no sistema de primeira a oitava série, com notas, recuperação final, reprovação. A recordação mais comum deste período são cartazes na parede, com textos muitas vezes sem sentido, mas cheios de sílabas ou letras repetidas, no intuito de alfabetizar os alunos através da memorização.

O cuidado na sequência do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças a partir de seis anos de idade implica o conhecimento e a atenção às suas características etárias, sociais e psicológicas. As orientações pedagógicas, por sua vez, estarão atentas a essas características para que as crianças sejam respeitadas como sujeitos do aprendizado. (Gardner, 1987)

Assim, abriu-se um novo horizonte frente aos pequenos aprendizes. A teoria construtivista trabalha o pensamento e a compreensão do conhecimento repassado pelo professor. “Digere-se” bem o que está sendo ensinado. A criança tem papel fundamental neste processo e assimila efetivamente o que aprende ao invés de memorizar como ocorria há tempos atrás. (Gardner, 1989)

3.1 - A organização de um Ensino Fundamental de nove anos

A nova organização do Ensino Fundamental inclui dois elementos:

- os nove anos de trabalho escolar.
- a nova idade que integra esse ensino.

Admitir-se-á, entretanto, nos termos dos artigos 8º, 23 e 32 da Lei nº 9.394/96 LDBE (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), o desdobramento do Ensino Fundamental em ciclos, no todo ou em parte. Em Minas Gerais, a divisão e nomenclaturas ficou da seguinte forma:

Observe a tabela abaixo:

Ensino Fundamental								
Ciclo da Alfabetização			Ciclo Complementar		Anos Finais			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos

Tabela 1: Organização do Ensino Fundamental

OBS: Lembrando que a criança pode ingressar na série correspondente à sua faixa etária quando já tiver completado a idade necessária ou a completar até o dia 30 de junho do ano letivo.

Como ponto de partida, para garantir uma nomenclatura comum às múltiplas possibilidades de organização desse nível de ensino (séries, ciclos, outros) conforme art. 23 da LDB nº 9.394/96, sugere-se que o Ensino Fundamental seja assim mencionado:

O Ensino Fundamental de nove anos, de matrícula obrigatória para crianças a partir dos seis anos deverá ser adotado por todos os sistemas de ensino, até o ano letivo de 2010". O antigo terceiro período da Pré-Escola não pode se confundir com o primeiro ano do Ensino Fundamental, pois esse primeiro ano é agora parte integrante de um ciclo de três anos de duração, que poderíamos denominar de "Ciclo da infância ou Ciclo da Alfabetização

3.2 – Ciclo da Alfabetização

A rede de ensino do Estado de Minas Gerais implantou o Ensino Fundamental de nove anos e dividiu os anos iniciais de ensino em dois grandes ciclos de aprendizado. Há o Ciclo Inicial de Alfabetização, com duração de três anos, voltado para o atendimento às crianças de seis, sete e oito anos. E há o Ciclo Complementar de Alfabetização, que atende às crianças de nove e dez anos e tem a duração de dois anos.

Os três anos iniciais são importantes para a qualidade da Educação Básica voltados à alfabetização e ao letramento, sendo necessário que a ação pedagógica assegure, nesse período, o desenvolvimento das diversas expressões e o aprendizado das áreas de conhecimento estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Dessa forma, entende-se que a alfabetização dar-se-á nos três anos iniciais do Ensino Fundamental. (PARECER 4 – SER, 2008)

A avaliação, tanto no primeiro ano do Ensino Fundamental, com as crianças de seis anos de idade, quanto no segundo e no terceiro anos, com as crianças de sete e oito anos de idade, tem de observar alguns princípios essenciais: assumir forma processual, participativa, formativa, cumulativa e diagnóstica e, portanto, redimensionadora da ação pedagógica. (PARECER 4 – SER, 2008)

Segundo o PARECER 4 - SRE(2008):

É indispensável a elaboração de instrumentos e procedimentos de observação, de acompanhamento contínuo, de registro e de reflexão permanente sobre o processo de ensino e de aprendizagem; nesse período, constituir-se-á, também, em um momento necessário à construção de conhecimentos pelas crianças no processo de alfabetização. Os professores de áreas específicas, especialmente no caso da Educação Física e de Artes, devem estar preparados para planejar adequadamente o trabalho com crianças de seis, sete e oito anos, tanto no que se refere ao desenvolvimento humano, cognitivo e corporal, como às habilidades e interesses demonstrados pelos alunos.

Os professores desses três anos iniciais, com formação mínima em curso de nível médio na modalidade normal, mas, preferencialmente, licenciados em Pedagogia ou Curso Normal Superior, devem trabalhar de forma inter e multidisciplinar, admitindo-se portadores de curso de licenciatura específica apenas para Educação Física, Artes e Língua Estrangeira Moderna, quando o sistema de ensino ou a escola incluírem essa última em seu projeto político-pedagógico”

Em Minas Gerais, especificamente nas escolas municipais de São Sebastião do Paraíso, têm-se observado à risca as recomendações da Secretaria de Educação do Estado. É aplicado às crianças a progressão continuada, onde não são reprovadas até o terceiro ano do novo Ensino Fundamental (antiga segunda série), sendo acompanhadas com esmero por equipe pedagógica que tem por objetivo garantir sua alfabetização até o final do ciclo, quando pode ocorrer a repetência.

3.3 - Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade corresponde às relações intrínsecas entre a matéria e as disciplinas que derivam da primeira. A prática pedagógica interdisciplinar pode vir a ser utilizada no estabelecimento de relações entre uma matéria (disciplina-mãe, matriz) e demais disciplinas aplicadas.

A interdisciplinaridade é um tipo de abordagem e conduz a uma ordenação específica do processo ensino-aprendizagem, notadamente no plano dos conteúdos e das atividades. Desta forma, os professores podem proporcionar aos alunos uma aprendizagem simultânea dos saberes e dos métodos comuns a várias disciplinas. Neste sentido, a interdisciplinaridade reordena conhecimentos diversos chegando a provocar um conhecimento novo.

Segundo Gadotti (2000), em termos metodológicos, a prática pedagógica interdisciplinar implica em:

- a) integração de conteúdos
- b) passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento
- c) superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências
- d) ensino-aprendizagem centrado numa visão que aprendemos ao longo de toda a vida (educação permanente)

Na educação contemporânea muito se tem dito sobre interdisciplinaridade. Este conceito, ainda difuso, é causador de numerosos questionamentos. Percebe-se atualmente a necessidade de um ensino voltado para a formação integral da personalidade do indivíduo, seu desenvolvimento intelectual, psicológico, sócio-cultural e ecológico.

O mundo está cada vez mais evoluído em tecnologia e a educação deve evoluir também. Torna-se primordial rever os paradigmas epistemológicos atuais, a fim de criar novas ferramentas para o aprendizado, capacitando o ser humano para que possa criar novos conceitos de ética, cidadania e coletividade. Como por exemplo, um músico que apenas saiba ler partituras e não sabe nada de harmonia, sempre será um músico limitado. Para ser mais completo, deve possuir também conhecimentos de várias outras matérias harmonia, improvisação, contraponto, polifonia, conhecimento de música popular, música antiga e muitas outras.

O Ciclo da Alfabetização é ideal para se trabalhar a interdisciplinaridade. Nesta fase, é um único professor que assume a missão de ensinar cerca de cinco ou seis conteúdos da grade curricular. Uma vantagem que deve ser levada em consideração pelos educadores na hora de elaborar o plano de aula.

3.4 - O professor e a prática interdisciplinar

Interdisciplinaridade faz-se, antes, entre os indivíduos para, só depois, concretizar-se na inter-relação entre as disciplinas. Através do estudo de qualquer instrumento o aluno percebe facilmente que há integração entre as matérias, toma consciência disso, mas a partir do momento que o professor de música acrescenta às aulas de instrumento, aulas de percepção, por exemplo, aí sim estará praticando a interdisciplinaridade. Na integração da matéria, o aluno toma conhecimento da relação entre as disciplinas, enquanto que na interdisciplinaridade age e coloca em prática essas ligações existentes entre elas.

Segundo Maheu (1989), afirma que frequentemente a interdisciplinaridade é confundida com a idéia de integração. Pois esses dois conceitos são complementares, porém não significam jamais a mesma coisa. É preciso entender que a interdisciplinaridade é a interrelação entre conteúdos, não sua aglomeração.

Maheu (1989) diz que:

A integração entre os conteúdos de diferentes disciplinas constitui-se como um processo interno, relativamente ao sujeito que aprende. É um processo construtivo, em que o sujeito apropria-se dos objetos de conhecimento de modo a perceber as interconexões entre os mesmos, tornando-se assim, capaz de vislumbrar, de compreender a realidade, numa perspectiva de totalidade. A interdisciplinaridade não é uma categoria de conhecimento, mas de ação. Não significa,

tampouco, a integração de conteúdos, mas a inter-relação entre as disciplinas, considerando seus objetivos e metodologias próprias. Interrelacionar não é integrar, globalizar, perdendo-se de vista a especificidade de cada objeto de conhecimento. Uma ação pedagógica interdisciplinar requer, antes de tudo, uma atitude interdisciplinar.

Para a classe de estudiosos do tema, a prática pedagógica precisa de mudanças no seu paradigma. Caso contrário, não acompanhará o ritmo do homem e perderá seu efeito sobre o mesmo, como acontece na educação no Brasil. Quando aliada às potencialidades das formas de se trabalhar com as inteligências múltiplas, o resultado pode ser inesperado e revelador. (Gardner, 1987)

Essa atitude tem em vista o fortalecimento das identidades das disciplinas. A educação contemporânea necessita da interdisciplinaridade com a finalidade de resolver de forma satisfatória as exigências da sociedade, uma vez que, na maioria das vezes, as disciplinas isoladas não surtem mais efeito com a evolução do mundo.

Em se tratando de alfabetização, isso torna-se mais perceptível. As crianças que estão na fase de aprendizado da decodificação, lêem tudo o que cai nas mãos, não separam a leitura do restante do mundo, como uma disciplina isolada, pelo contrário, desenvolvem uma visão globalizada, que mais tarde será fragmentada com o passar do primeiro ano letivo.

Se o educador observar esta visão globalizada, inicia com eficácia a interdisciplinaridade em sala de aula, mostrando que é possível aprender todas as disciplinas, usando umas como suporte para outras; tal como a língua portuguesa é base para o aprendizado da história, geografia e até mesmo para as quais não se associa primariamente como a matemática. (Gardner, 1987)

É necessário atravessar a barreira da falta de informação e inteirar-se dos benefícios desta atitude em sala de aula. Trabalhar a interdisciplinaridade é tão importante como alfabetizar pela teoria construtivista, pois através desta atitude, as crianças compreendem o processo da leitura como um todo e entendem as disciplinas fragmentadas como porção de um todo, o conhecimento geral, que precisam adquirir. (Gardner, 1989)

Entendendo que o conhecimento será melhor quando por inteiro, abre-se aí uma forma de combater a dificuldade do aluno com alguma disciplina. É desta maneira também, que se empregam as inteligências múltiplas neste processo. É necessário que as crianças aprendam a noção do conhecimento total, entendendo e

valorizando os conteúdos fragmentados assim como as habilidades específicas próprias e dos colegas, combatendo o preconceito em ambos os casos, alcançando a plenitude enquanto aprendizes e seres humanos.

4 - APLICANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS EM SALA DE AULA

O conhecimento apresentado de forma tradicional com papel, lápis, cópias do quadro, sala de aula limitada a quatro paredes e conteúdos fragmentados, trabalhados mecanicamente tornam a fase da alfabetização cansativa e complexa para o pequeno estudante. (Gardner, 1987)

Nos capítulos anteriores deste trabalho constatou-se que a inteligência é multifacetada, cabendo aos educadores perceberem e aproveitar-se das particularidades de seus alunos para educá-los. Também foi possível observar que urge ensinar e avaliar as crianças de forma inovadora, processual, qualitativa, abandonando de vez o sistema antigo de notas, que reduzia o nível de inteligência do aluno a um número.

Registra-se também a importância da interdisciplinaridade enquanto meio de garantir aos estudantes um aprendizado dinâmico sobre as várias faces do conhecimento e a integralidade de todas as disciplinas.

Se o sistema educacional grita por mudanças, cabe aos educadores trabalhar em sala de aula abordando novas estratégias, abusando da interdisciplinaridade, tornando as aulas criativas, desejadas, verdadeiramente proveitosas, além do sistema educacional oferecer um suporte.

Os professores em hipótese alguma devem aceitar a estereotipação de seu aluno. Todo ser humano tem o direito de aprender. Alguns lentamente, outros com mais facilidade, mas todos encontram caminhos. Cabe ao mestre, descortinar a gama de possibilidades de aprendizado que surgem na vida do educando.

4.1 - Exemplos de Atividades

Partir da experiência de dez, quinze, vinte anos de sala de aula na hora de empregar atividades com as inteligências múltiplas pode ser de grande valia, mas é extremamente necessário um olhar novo para o que está disponível no sistema de ensino sobre como utiliza-las em sala de aula.

Na internet, é possível encontrar milhares de sugestões de atividades testadas e aprovadas por pesquisadores conceituados sobre o tema.

Antunes (1987), grande estudioso das inteligências múltiplas, em seus inúmeros trabalhos, cita como realizar atividades abordando a teia do potencial intelectual da criança. Observando estas dicas, facilita ao professor criar atividades que realmente utilize-as em benefício da alfabetização.

Sobre a inteligência lógico-matemática, Antunes (1996) ressalta:

Os alunos entenderão melhor os números, as operações matemáticas e os fundamentos da geometria se puder torná-los palpáveis. Assim, materiais concretos como moedas, pedrinhas, tampinhas, conchas, blocos, caixas de fósforos, fitas e cordões estimulam o raciocínio abstrato das crianças. É importante também que o aluno aprenda a observar, na natureza e nos temas descritos, a presença de padrões de simetria e de formas geométricas. Para qualquer tema, o professor poderá inventar problemas que envolvam probabilidades ou mesmo uma interpretação de dados.

No Ciclo da Alfabetização, uma idéia é aliar o raciocínio lógico à linguagem, propondo um jogo de cartas com desafios, onde uma criança pergunta, a outra responde, estilo jogos como “PASSA ou REPASSA”, uma vez que as perguntas podem ser de qualquer disciplina e a somatória dos pontos por conta dos próprios alunos, divididos em equipes. Outra sugestão são os desafios, as situações-problemas e as trilhas, quando confeccionadas pelos próprios alunos.

Para estimular a inteligência verbal, Antunes (1996) indica que:

Todo tema escolar deve se prestar a animados debates com a segura intervenção do professor, dando e tirando a palavra, sugerindo maior clareza nas idéias e ajudando os alunos a disciplinarem o pensamento através de expressão verbal. Atividades como o painel aberto, que convida os alunos em grupos a expor idéias favoráveis e contrárias ao tema, também simbolizam estratégia de importante estimulação verbal, sobretudo quando interrogativas e desafiadoras. Qualquer tema pode abrigar desafios impondo interpretação de textos, desenvolvimento de analogias, sua

exploração através de trovas ou mesmo a criação de um concurso de manchetes contextualizadas.

Para trabalhar a inteligência verbal e a capacidade de argumentação das crianças é de grande valia a rolinha de conversa. A professora também pode levar um microfone, fazer uma pergunta sobre a história lida usando as estratégias de leitura como a antecipação, inferência e ao passar do telefone, a criança responde baseada em seu conhecimento prévio.

Sobre a música, Antunes (1996) revela:

Uma atividade interessante é estimular os alunos a transformar textos, mensagens ou idéias em paródias, adaptando-se os conteúdos com os quais se trabalha às músicas populares com letras alteradas. Um concurso de trovas ou mesmo de textos em forma de rap pode animar pesquisas e desenvolver projetos que explorem linguagens diferentes para um mesmo tema. Os sons da natureza gravados podem abrigar cenários para excelentes fundos musicais extremamente válidos para ilustrar conteúdos de diferentes áreas.

Exemplo de atividade que visa desenvolver esta inteligência aliando também a inteligência visual-espacial é a confecção de instrumentos musicais a partir de sucatas e a apresentação das paródias e *raps* para a escola, utilizando-os. Convém lembrar que o ritmo das paródias, a quantificação do tempo, também trabalha conceitos matemáticos, o que leva a interdisciplinaridade.

Sobre a inteligência cinestésico-corporal também há muitas sugestões de trabalho.

Para Antunes (1996):

Atividades mímicas constituem formas de despertar o interesse corporal para conteúdos tradicionais. Na própria sala de aula, é possível o professor combinar o uso de alguns signos gestuais como mensagens, informações e recados. A escola é sempre um magnífico espaço para experiência com danças contextualizadas a tema curriculares diversos.

Brincadeiras bastante conhecidas e simples podem ajudar a desenvolver esta inteligência. Pular corda, amarelinha, as quadrilhas juninas, pique agacha, morto-vivo, são alguns exemplos de brincadeiras simples que podem ter enfoque pedagógico. Ao pular corda, por exemplo, cantando o alfabeto ou fazer a amarelinha com soma de dados, a criança compreende as informações importantes da

alfabetização e ainda trabalha a coordenação motora, o que envolve novamente, a interdisciplinaridade.

Sobre a inteligência espacial, Antunes (1996) comenta:

O professor pode propor para qualquer ilustração sua recriação em novos tamanhos e formas. A cartografia também pode ser usada, já que traz, para a sala de aula, uma série muito expressiva de sinais convencionais. É interessante também a utilização de mapas conceituais para a exposição e síntese de conteúdos e estes precisam ser criados alternando-se suas cores e até mesmo suas formas.

Pode-se confeccionar em sala de aula, o mapa da escola, também uma exposição de quadros de paisagens do jardim da mesma, por exemplo. Pode-se, aliando à interdisciplinaridade, utilizar as tábuas de pregos para formar as figuras geométricas com barbante, etc.

Segundo Antunes (1996):

Para trabalhar a inteligência interpessoal, a contextualização de notícias da televisão ou dos jornais para assuntos do cotidiano pode abrir interessantes explanações sobre sentimentos e emoções. Os alunos podem ser estimulados a criar seus diários emocionais e, ainda que os mantenham “secretos”, sua validade como meio de auto-conhecimento é indiscutível.

Como no Ciclo da Alfabetização as crianças ainda não escrevem alfabeticamente, podem escrever em seus diários do jeito que pensam, e assim, alavancar a passagem das hipóteses silábicas.

Para desenvolver a inteligência Intrapessoal, Antunes (1996) sugere:

Atividades do tipo berlinda são interessantes quando o grupo revela maturidade para a auto e heterocrítica. Um professor estimulador das inteligências pessoais necessita sempre dispor de “casos” para seu estudo e discussão em sala de aula. A escola é um espaço extraordinário para o envolvimento dos alunos em campanhas filantrópicas ou cívicas diversas.

4.2 - Como ministrar?

Existe a possibilidade de se ministrar um tema de qualquer conteúdo sem ficar à frente da classe impondo a monotonia e o cansaço. Trabalhar utilizando as

inteligências múltiplas garantirá igual ou maior compreensão e lucidez por parte dos alunos. (Gardner, 1987)

É possível na regência dessa aula, conquistar a certeza de que sua apresentação não suscitará indisciplina, desinteresse e apatia. Esse tema, ainda, garantirá ao professor menos dispêndio de energia que o imposto por aula tradicional.

Será possível alcançar não apenas as disciplinas da BCN (Base Nacional Comum) como outra qualquer devidamente adaptado, ser executado em qualquer série ou nível de escolaridade e, bem mais que apenas uma compreensão literal do que se expõe, será possível trabalhar-se simultaneamente o texto e contexto, desenvolvendo do raciocínio lógico e levando os alunos a uma aprendizagem significativa e exploração de habilidades operatórias mais amplas que as provocadas por simples explanação.

No desempenho do trabalho, o professor pode estar se aproximando das idéias de Piaget (1974), ao levar o aluno não a conquistar um conhecimento interiorizando-o de fora para dentro, mas construindo-o interiormente em um processo de assimilação, tornando o apreendido compatível com as estruturas mentais do apreendente.

É necessário garantir que os alunos tenham “alguma idéia” sobre o tema que o professor deseja trabalhar, que pode ser de qualquer conteúdo, inclusive matemática, desde que seja permitido montar uma seqüência lógica para a criança.

Como por exemplo, se o tema da aula é a história da Chapeuzinho Vermelho, então poderá ser montada pela professora tiras como de histórias em quadrinhos, com as partes do texto. Em seguida, estas cenas serão recortadas, colocadas em envelopes e distribuídas, organizando os alunos em duplas, trios ou quartetos. Para montar a parte da história que receberam, precisarão falar e, por falar, estimular as estruturas mentais do pensar; por último organizando-os, com critério e acuidade, uma, duas ou três partes sobre o assunto escolhido. (Gardner, 1987)

Na etapa seguinte à montagem, pode-se, em alguns níveis, trabalhar a escrita de palavras do texto. Após a seleção dessas palavras, extremamente pertinentes e significativas em relação a essência e objetivos do texto, fragmentá-las separando cada uma das letras e escrevendo cada letra em um pequeno quadrado de papel. Mais fácil é quadricular-se uma folha antes, escrever as letras em cada dos

quadrados e somente depois cortá-la. Esse emaranhado de letras, amontoadas ao acaso e unidas fora de ordem compõe o recurso material do “jogo de palavras”.

Com tantas cópias desse material, quantas duplas, trios ou grupos se contar em classe, basta entregá-la aos alunos destacando que sua tarefa, à imagem de quem monta quebra-cabeças, será tentar ordenar as letras, emprestando-lhe sentido lógico.

É extremamente interessante observá-los então, enquanto tentam ordenar a palavra. A hipótese em que cada um se encontra interfere e é preciso haver a argumentação na hora do resultado final. “O conhecimento não é uma coisa que vem de fora, mas processo interativo de construção interior.” (Antunes, 1991)

Ao se envolverem no desafio que essa atividade abriga, os alunos encontrariam motivação por ver substituída sua postura passiva de ouvinte por ação solidária de jogador; motivados, não se desviariam da tarefa e, portanto, estariam interessados e disciplinados.

O professor pode economizar energia, pois está substituindo o tradicional discurso, por ajuda interativa e, essa aula, levaria o aluno a falar, trocar idéias, buscar esquemas de solução e por essas vias pensar, usando habilidades que envolveriam análise e síntese, comparação e classificação, dedução e contextualização.

Segundo Antunes (1996):

Ao invés de se colocarem de forma passiva diante de um texto, estariam exercitando esquemas de assimilação em atividade pura, diante do objeto da aprendizagem, simbolizado pelo texto fragmentado, ao qual buscariam uma estrutura lógica. Nessa atividade o professor transformou texto em contexto, colocou em ação mecanismos de uso dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo e, levando a seus alunos jogo desafiador e atraente, através do mesmo ensinou que o novo conhecimento não se sobrepõe aos conhecimentos anteriores, mas a eles se compõe modificando-o.

Outras atividades interessantes como este jogo de palavras, é arquipélago, hiper-arquipélago, o novo telefone sem fio e muitos outros tipos de jogos pedagógicos indicados pelo estudioso Antunes (2008).

4.3 - A questão da disciplina em sala de aula

O ambiente na sala de aula é fundamental para a alfabetização construtivista que usa as inteligências múltiplas. Com a disposição das carteiras, em grupos ou círculos, deve-se garantir à criança o tempo e o espaço necessário para que raciocine, formule hipóteses e descubra, com suas habilidades ou inteligências naturais, o melhor caminho a ser percorrido para aquisição do conhecimento. (Gardner, 1987)

Para isso, é necessário que o professor demonstre sua autoridade em sala de aula sem o autoritarismo. As crianças precisam conversar entre si, trocar conhecimentos, pois desta maneira a exploração do conhecimento prévio no convívio social que permitirá ao educando conhecer-se e testar-se enquanto construtor do seu conhecimento.

Entretanto, é extremamente necessário observar a disciplina em sala de aula. Muitos professores na faixa de transição do método silábico de alfabetização para este período globalizado, confundiram o construtivismo com ação única da criança sem a intervenção do professor e foi possível observar confusão em sala de aula, o que vai totalmente contra a teoria. Anarquia

Segundo Antunes (1995):

É essencial que se restaure a disciplina em sala de aula, que se faça desse valor um objetivo a se perseguir, não para que a sala se isole da sociedade e também não para que a aula do professor fique mais confortável, mas antes para que ali ao menos se aprenda como tentar modificar o caos urbano que o desrespeito social precipitou.

O professor deve tornar suas aulas interessantes e participativas, mas não perder de vista o controle da disciplina na sala de aula. Mais do que uma comodidade que permite ao professor concentrar-se no que vai expor, a disciplina é um valor ético e deve ser trabalhado tanto como qualquer outro princípio.

Antunes (1996) revela sua preocupação com o futuro do país ao comentar a imensa falta de educação, cidadania, respeito e solidariedade presente em grande maioria dos jovens brasileiros. Este revela que é necessário o professor intervir no processo de ensino, educando com firmeza e assumindo o controle.

As crianças com dificuldade de aprendizado, geralmente, salvo exceções, apresentam uma família sem muita estrutura, registra-se aqui, que desestrutura não

necessariamente está localizada apenas nas classes mais pobres que não preocupam em ensinar valores aos pequenos, transferindo este importante papel aos professores. Cabe também aos educadores, em usar as inteligências múltiplas e atuar juntamente nesta frente. (Gardner, 1989)

As aulas de Ensino Religioso semanais, dura pouco mais de meia hora, não é suficiente quando comparada à realidade globalizada, vasta e rápida na qual as crianças estão inseridas. É preciso lançar mão da interdisciplinaridade e das inteligências múltiplas para que junto à alfabetização, as crianças aprendam também a ser cidadãos. O respeito pelo outro, o trabalho em equipe, a forma correta de portar-se, de se dirigir aos outros, atualmente são valores que fazem parte do currículo oculto a ser trabalhado pelos educadores na maioria das escolas, até mesmo, nas que atendem crianças de classe média e alta. (Gardner, 1987)

4.4 - Evitando a estereotipação

Na prática docente, é um verdadeiro “crime pedagógico” quando se estereotipa, de qualquer forma que seja, um aluno. O educador deve evitar se dirigir especificamente a um aluno, em detrimento aos demais. O professor não deve menosprezar o aluno que não tem a mesma habilidade, comparando-o com outro mais habilidoso. Na prática do dia a dia, o professor tem que ser suficientemente cuidadoso a atenção individual. (Gardner, 1987)

Para Elias Celso Galveas (2006):

Mesmo isto sendo difícil de ser feito, é o verdadeiro mérito e desafio de um educador. Isto é tão difícil que o professor capaz de fazê-lo, estará desempenhando um papel muito além que de professor apropriadamente: estará agindo em todos os sentidos como um verdadeiro educador. O papel do educador, dentro do grupo, deve ser o de conferir, indiscriminadamente a cada um dos alunos, a atenção que o mesmo particularmente necessita. Muitas vezes o aluno não consegue trabalhar o conteúdo que o professor está ministrando porque tem um atraso, problema de falta de base conceitual que precisaria ser tratado, trabalhado. Se o professor perceber isso e for trabalhar com este hiato, ele pode vir a se tornar um dos melhores alunos naquela disciplina, simplesmente pela atenção que lhe foi concedida exatamente naquele momento em que precisava.

Cada aluno é um indivíduo, um ser completo, com características próprias e

por isto, merece por parte do educador e da instituição escolar, o mesmo cuidado e respeito que os demais.

A escola, primeiramente, tem que ter definida muito claramente a sua proposta e filosofia, bem como seus objetivos básicos quanto à formação do aluno, dentro da sua formação pedagógica. Dentre os principais fatores para tal, Galveas (2006) observa que quando voltada para o aluno, uma escola consegue estabelecer uma filosofia de trabalho preocupada com o seu desenvolvimento, não só da sua parte cognitiva, mas também, de sua parte afetiva e relacional.

Quando a escola promove continuamente estas atitudes em suas atividades, está pensando em inteligências múltiplas. As escolas devem possuir educadores que estão verdadeiramente preocupados com a formação integral do aluno, com a formação humana. Galveas (2006)

Para Galveas (2006):

Sempre que, utilizando-se de sua filosofia, cria-se oportunidades dentro do espaço escolar para que o aluno possa se desenvolver de forma completa, harmoniosamente: para que cresça como pessoa, para que ele adquira processos éticos de cidadania; para que ele seja um aluno responsável etc. Com todos estes cuidados, acredito que a escola que assim age, já está preocupada com o desenvolvimento das inteligências múltiplas, mesmo que sem querer ou se dar conta.

Desta forma, uma escola que disponibilizem o espaço, a liberdade e a autonomia necessários para, de alguma forma, expressar e exercer suas qualidades e potencialidades, cada qual com as suas, estará contribuindo para a geração de um ambiente onde todos se sentirão incluídos no corpo escolar, ao invés de estranhos no ninho em relação ao mesmo.

Essas escolas já estão valorizando e considerando a possibilidade de um aluno sobressair das mais variadas maneiras: uma mais na escrita, outros nos números, outro como relações públicas, na educação artística, sua banda de rock, outro nos esportes e assim por diante (Galveas, 2006).

4.5 - Aluno resistente a mudanças

Escolas inclusive no Brasil, se esforçam para mudar seus procedimentos em função das descobertas de Gardner (1987).

A maneira mais difundida de aplicar a teoria das inteligências múltiplas é tentar estimular todas as habilidades potenciais dos alunos quando ensina um mesmo conteúdo. As melhores estratégias iniciam da resolução de problemas.

Segundo Gardner (1987), não é possível compensar totalmente a desvantagem genética com um ambiente estimulador da habilidade correspondente, mas condições adequadas de aprendizado. O psicólogo norte-americano atribui à escola duas funções essenciais: modelar papéis sociais e transmitir valores.

Pela própria natureza de suas descobertas, o trabalho de Gardner favorece uma visão integral de cada indivíduo e valorização da multiplicidade e da diversidade na sala de aula. Cabe aos educadores, nivelar a aplicabilidade das inteligências durante as atividades, envolvendo os alunos em todas, a fim de que desenvolvam-se plenamente em todas as áreas.

Segundo Galveas (2006):

É difícil imaginar uma pessoa com apenas um tipo de inteligência predominante. Se tal caso existe, pode-se dizer que beira o patológico, e portanto, já não cabe mais a escola lidar com isso. O aluno que apresenta esta configuração é o caso típico do “idiota savant” ou seja, aquele que é um gênio em apenas um aspecto do conhecimento como informática, eletrônica ou música etc, e é um completo ignorante em matéria de qualquer outro assunto que se venha dialogar com ele. Isto existe, mas além de bastante problemático, são casos isolados e muito raros.

No quadro das inteligências múltiplas, no universo do ser humano, pode-se considerar até mesmo que um indivíduo possua, nos mais variados graus, todas as inteligências. Há crianças que apresentam tendência para uma ou outra forma, mas quando se trata de analisar a inteligência, além do contexto, há sempre de se considerar o conjunto, de modo que a criança considerada inteligente tende a possuir todas as formas de inteligência que ainda se encontram adormecidas. Cabe ao professor, atuar nessas áreas latentes, para que o mesmo desempenho superior naquela face da inteligência seja despertado em todas as outras, por isso a necessidade do rodízio dos cantinhos de atividades, muito comuns em sala de aula.

4.6 - A avaliação do educando

Quanto à avaliação, é necessário fazer uma distinção entre avaliação e testagem.

A avaliação, segundo Gardner (1995):

Favorece métodos de levantamento de informações durante atividades do dia-a-dia, enquanto que testagens geralmente acontecem fora do ambiente conhecido do indivíduo sendo testado.

Conforme salienta Gardner (1995), é importante que se tire o maior proveito das habilidades individuais, auxiliando os estudantes a desenvolverem suas capacidades intelectuais. Para tanto, ao invés de usar a avaliação apenas como uma maneira de classificar, aprovar ou reprovar os alunos, esta deve ser usada para informá-los sobre a sua capacidade e ao professor sobre o quanto está sendo aprendido.

O estudioso sugere que a avaliação deve fazer jus à inteligência, isto é, deve dar crédito ao conteúdo da inteligência em teste. Se cada inteligência tem um certo número de processos específicos, esses processos têm que ser medidos com instrumentos que permitam ver a inteligência em questão em funcionamento. Gardner (1995)

A avaliação deve ser ainda ecologicamente válida, isto é, deve ser feita em ambientes conhecidos e utilizar materiais conhecidos das crianças sendo avaliadas. Este autor também enfatiza a necessidade de avaliar as diferentes inteligências em termos de suas manifestações culturais e ocupações adultas específicas.

Assim, a habilidade verbal, mesmo na pré-escola, ao invés de ser medida através de testes de vocabulário, definições ou semelhanças, deve ser avaliada em manifestações tais como a habilidade para contar histórias ou relatar acontecimentos. Ao invés de tentar avaliar a habilidade espacial isoladamente, deve-se observar as crianças durante uma atividade de desenho ou enquanto montam ou desmontam objetos.

Finalmente, Gardner (1995) propõe a avaliação, ao invés de ser um produto do processo educativo, seja parte do processo educativo, e do currículo, informando a todo momento de que maneira o currículo deve se desenvolver.

No que se refere à educação centrada na criança, Gardner (1995) levanta dois pontos importantes que sugerem a necessidade da individualização. O primeiro diz respeito ao fato de que, se os indivíduos têm perfis cognitivos diferentes uns dos

outros. As escolas, ao invés de oferecer uma educação padronizada, deveriam tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual.

O segundo ponto levantado por Gardner (1985) é igualmente importante: enquanto na Idade Média um indivíduo podia pretender tomar posse de todo o saber universal, hoje em dia essa tarefa é totalmente impossível, sendo mesmo bastante difícil o domínio de um só campo do saber. Se há a necessidade de se limitar a ênfase e a variedade de conteúdos, que essa limitação seja da escolha de cada um, favorecendo o perfil intelectual individual.

Quanto ao ambiente educacional, Gardner (1996) chama a atenção para o fato de que, embora as escolas declarem que preparam seus alunos para a vida, a vida certamente não se limita apenas a raciocínios verbais e lógicos. O autor propõe que as escolas favoreçam o conhecimento de diversas disciplinas básicas; que encorajem seus alunos a utilizar esse conhecimento para resolver problemas e efetuar tarefas que estejam relacionadas com a vida na comunidade a que pertencem para que favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais individuais, a partir da avaliação regular do potencial de cada um.

5 - EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

Durante a experiência de estágio e observação, com atenção voltada para o desenvolvimento de várias crianças quando trabalhadas a partir das inteligências múltiplas houve um caso peculiar, de dificuldade extrema, digno de relato. Ressalto que para preservar a identidade da criança e da professora, aqui as nomeio por identidades fictícias.

Mariana*, 09 anos, é aluna do segundo ano do Ensino Fundamental de 09 anos na Escola Municipal Wulfida Marcolini, em São Sebastião do Paraíso - MG. A criança cursa pela segunda vez esta série e em 2008 está na sala da professora Heloísa*. Segunda mais velha entre oito irmãos, Mariana* é uma criança tímida, monossilábica, descrente de seu potencial, totalmente alienada ao mundo que a rodeia. Em todas as atividades, a pequena estudante, franzina e sempre muito calada, parece passar por um verdadeiro suplício quando surge a necessidade de falar em público.

Contudo, conforme observa a professora, é uma garota com uma letra caprichada e que, apesar de ser de um nível sócio-econômico baixo, mantém seus cadernos na mais perfeita ordem, sempre limpos e alinhados, cuidados muitas vezes não visíveis em sua aparência. A criança relaciona-se pouco com os colegas, não tem amigos, mas procura colaborar na organização da sala, dos próprios materiais, dos materiais de trabalho em grupo. Mariana* ainda não está alfabetizada, encontra-se no estágio pré-silábico.

Utilizando os princípios de Gardner (1995), é possível que Mariana* tenha um potencial visual-espacial enfatizado em decorrência das outras inteligências pouco desenvolvidas. Seguindo a tabela de exemplos de atividades, a professora trabalhou a criança, solicitando sempre que fosse à secretaria, cozinha, diretoria, enfim, que

levasse e recebesse recados, forçada assim, a falar com mais pessoas, trabalhando a socialização.

Como tinha a facilidade para desenhos, pintura, noção espacial, Heloísa* trabalhou atividades manuais com Mariana* para que compreendesse conceitos matemáticos (bingos, tampinhas, ábaco), usou a música para trabalhar a compreensão de texto, o reconto, a oralidade, enfatizando a importância da interdisciplinaridade.

Com insistência, abordagens acertadas, pautadas no processo de construção do conhecimento pela menina e valendo-se das inteligências múltiplas, a professora Heloísa* obteve grandes melhoras com a educanda que finalizou 2008 sendo considerada apta a cursar o 3º ano, com restrições, mas com capacidade de alcançar o mínimo esperado até o final do ano letivo de 2009.

Em relação à sala, conforme afirma a professora, Mariana* pouco evoluiu, mas em se tratando dela mesma, seus avanços foram incomensuráveis. Do estágio silábico sem valor sonoro, alcançou o silábico-alfabético e a tendência é que continue progredindo.

Da criança quieta e avessa ao mundo, Mariana* transformou-se numa menina meiga e dócil, que abraça as tias, faz cartas, traz flores e falta bem menos à aula. Agora, comenta com as pessoas que gosta, acontecimentos de sua vida pessoal e faz questão de deixar claro quando ganha uma roupa nova. Sua auto-estima está melhor e seus sorrisos mais frequentes.

Gardner (1985) diz “não acredito em milagres, assim como não acredito em crianças incapazes de aprender”. Todas têm alguma particularidade que é como uma janela aberta, permitindo que entremos em seu interior e retiremos para a luz a genialidade adormecida. Finaliza a professora, que acredita nas inteligências múltiplas e delas faz uso o tempo todo na alfabetização.

Segundo Gardner (1985), todos os seres humanos têm essas diferentes inteligências. Porém, não existem duas pessoas que tenham o mesmo perfil, mesmo com os mesmo genes, pois as pessoas teriam experiências distintas. Para o estudioso, o fato de um professor ter uma inteligência poderosa não significa que ele agirá com inteligência.

Sobre a capacidade de liderança e a força de um líder, vista sobre o enfoque pedagógico, que se encaixa muito bem ao papel do professor enquanto líder da sala de aula é possível afirmar que os exemplos na história são muitos. Quando se pensa

em um educador, pensa-se em poder dentro da sala de aula.

Para Gardner (1985):

Se você é um ditador, como Stálin, e quer obrigar as pessoas a fazerem o que você quer, só vai depender do número de exércitos que você tem na mão. Já em uma democracia, você tem de promover esta mudança de mente e de comportamento através das idéias, como Winston Churchill fez na Inglaterra.

Conforme salienta, o século XXI trouxe desafios mais complexos para os professores do futuro, como o advento da comunicação global e a possibilidade de destruição do mundo, seja pela energia nuclear ou pela degradação do meio ambiente. É necessário aos professores ter liderança lingüística, pois contar suas histórias e confrontá-las com as demais é muito importante.

A inteligência interpessoal é necessária para entender os seus alunos, saber para quem está falando. É importante questionar-se por que vale a pena se sacrificar por determinada causa ou defender determinada idéia. Tendo claro o motivo que o impulsiona a trabalhar, o professor tende a não sucumbir perante os problemas e a lutar com mais vontade por aquele aluno alienado.

Gardner (1995) deixa claro que não há uma fórmula mágica para se conseguir mudar a mente das pessoas. Segundo afirma, ao apresentar uma nova idéia, é preciso ativar cada uma dessas inteligências. Quanto mais inteligências forem ativadas, mais possibilidades haverá de mudar as mentes dos alunos.

As implicações da teoria de Gardner (1995) para a educação são claras quando se analisa a importância dada às diversas formas de pensamento, aos estágios de desenvolvimento das várias inteligências e à relação existente entre estes estágios, a aquisição de conhecimento e a cultura.

CONCLUSÃO

Trabalhar com as inteligências múltiplas é um grande desafio. É necessário pesquisa, força de vontade, disposição, criatividade, dinamismo, empenho em aprender e ensinar, ainda mais quando a pretensão é utilizar esses conhecimentos na alfabetização.

Os alunos terão melhores condições de aprender através dos cantinhos que são uma ótima forma de ensino: a cada mês deve-se trabalhar com nove cantinhos, algumas vezes por semana, onde os conteúdos ensinados serão interpretados, digeridos, por assim dizer, em atividades dirigidas com muita criatividade.

Desta forma, as aulas tornam-se interessante e dinâmica, sendo extremamente agradável para os educandos que passam a construir o seu conhecimento brincando. Gardner (1995), com sua descoberta, mudou os trilhos da educação atual, e aliada ao construtivismo, a escola pública tende a alcançar um índice até então inimaginável em termos de América Latina.

Muito ainda existe para ser feito, mas muita coisa está pronta para consultas, para acabar com as dúvidas, enfim, alicerçar o professor nesta fase de transição dos métodos convencionais e/ou tradicionais para essa nova abordagem que vem ganhando a cada dia mais adeptos no país.

É imutável a certeza da maioria das pessoas taxativas de que apenas o trabalho do professor em sala de aula, está longe de recuperar o aluno que passa pelo grave problema da desestrutura social e psicológica que assola as famílias neste século XXI. (Galveas, 2009)

Mas, a exemplo de Mariana*, a garota franzina, tímida, pobre física e intelectualmente que com o amor e doação de sua professora, atingiu em um ano do

nível pré-silábico ao silábico-alfabético, é possível mudar a realidade decadente da educação em nosso país.

O esmero e a dedicação de um educador não devem estar proporcionalmente relacionados ao holerite no final do mês. Ante a recompensa de um aluno feliz ao conseguir aprender do que o fracasso interior experimentado por aqueles que se escondem atrás da vergonhosa justificativa de não se empenhar por não receber o salário almejado.

Educar é esforçar-se em estudar sempre para poder ensinar com qualidade e aprender paralelamente com os olhos atentos e questionadores dos pequenos aprendizes.

Mais do que uma profissão, ser educador é ser um guia. Um referencial a ser seguido, às vezes o único exemplo de retidão que uma criança conhece. Cabe a todos, aprender com voracidade novas tecnologias e conceitos que fazem toda a diferença para um aluno desmotivado.

Definitivamente, o tempo da lousa com giz está ultrapassado. Os cantinhos, as atividades em grupo, a música, o movimento, as artes plásticas, tudo está interligado em prol da aquisição de um conhecimento único, não mais fragmentado do mundo e da própria mente.

O futuro do vestibular pode estar comprometido. Com estas novas descobertas, as inteligências múltiplas tendem a ganhar cada vez mais espaço no país, novos livros e planos curriculares tendem a ser baseados na importância dessa abordagem de ensino das habilidades básicas de um ser humano: ler, escrever, compreender.

Mais do que uma boa idéia, a teoria das inteligências múltiplas abre caminho para uma geração de professores criativos, que saibam se expressar melhor em sala de aula. Ensinar também fica mais atrativo dessa forma. A cada dia, o aprendizado em movimento. É água de rio correndo veloz para o mar. Chega de represas retesadas, paralisadas, sem um pinga de dinamismo.

O professor do futuro vê-se diante de uma gama de possibilidades, ainda mais em se tratando de alfabetização: tantas novidades surgiram nas últimas décadas: as hipóteses de escrita, o construtivismo em si, as situações problemas, a valorização do conhecimento prévio, a interdisciplinaridade, a aplicação das inteligências múltiplas em sala de aula, a informática educativa. (Antunes, 1996)

Enfim, muitas são as ferramentas a disposição do professor. Cabe a este profissional, fazer bom uso dela, exercer sua autonomia, criatividade, perspicácia e dinamismo em prol de uma efetiva educação de qualidade.

Importante reconhecer que a teoria não sugere grandes revoluções na educação, ela vem colaborar dando respaldo a muitas crenças ou certezas advindas da própria prática docente, sendo mais uma importante colaboração na tentativa de melhorarmos nosso ensino.

Para trabalhos futuros, creio que verificar a aplicação destas no Ciclo Complementar (4º e 5º ano) seja um desafio instigante e cheio de surpresas.

Tal como beija-flor em meio a queimada, é preciso seguir grupos de educadores que acreditem piamente que antes de qualquer coisa, um pedagogo, ao pé da letra, é aquele que toma pela mão e guia.

De maneira geral é possível crer que todas as pessoas sem problemas mentais específicos possuam todas as nove inteligências com algumas bem mais acentuadas e desenvolvidas que as outras. Trabalhos específicos em sala de aula contribuem de forma efetiva para "acordar" todas as inteligências nos alunos, ampliando sua criatividade e desenvolvendo-o de forma coerente e holística.

Na sua teoria, Gardner (1995) propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todos os indivíduos possuem como parte de sua bagagem genética, certas habilidades básicas em todas as inteligências. A linha de desenvolvimento de cada inteligência, no entanto, será determinada tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais. Cada uma destas inteligências tem sua forma própria de pensamento, ou de processamento de informações, além de seu sistema simbólico. Estes sistemas simbólicos estabelecem o contato entre os aspectos básicos da cognição e a variedade de papéis e funções culturais.

A noção de cultura é básica para a Teoria das Inteligências Múltiplas. Com a sua definição de inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que são significativos em um ou mais ambientes culturais.

Para Gardner (1989):

Alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente. Ele afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte. Cada domínio, ou inteligência,

pode ser visto em termos de uma seqüência de estágios: enquanto todos os indivíduos normais possuem os estágios mais básicos em todas as inteligências, os estágios mais sofisticados dependem de maior trabalho ou aprendizado.

Conclui-se que dentro do ciclo de alfabetização:

- É o começo da vida escolar.
- Marcas, traumas e rótulos no início podem marcar o educando.
- Valorizar através das Inteligências Múltiplas suas virtudes para que se sinta capaz, feliz e realizada.

Nota-se pontos distintos dentro da educação:

Positivos:

- Aulas mais criativas.
- Mais atraentes e dinâmicas.
- Assimilação mais rápida.
- Maior envolvimento da classe

Pontos negativos:

- Trabalho em organizar as atividades.
- Terreno desconhecido (medo e insegurança)
- É algo novo (mudança).
- Exige pesquisa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. A grande Jornada. Manual construtivista sobre como Estudar. Petrópolis, Vozes, 1995
- ANTUNES, C. A Inteligência Emocional na Construção do Novo Eu. Petrópolis, Vozes, 1991
- ANTUNES, C. As Inteligências Múltiplas e seus Estímulos. São Paulo, Papirus, 1998
- ANTUNES, C. Não acredito em Branco. São Paulo, Scipione, 1996
- FACCIN, G. A inteligência naturalista (on line) 2009. Disponível em <http://www.faccin.com.br/newsletter/index.html>, aceso em 24 de abril 2009
- GADOTTI, M. PIAGET, J. O direito à educação no Mundo Atual. Para onde vai a Educação? Trad. Ivette Braga. Rio Janeiro: José Olimpio, 1971
- GALVÊAS. C.E. As inteligências múltiplas e a prática escolar. Disponível em <http://www.aulas-partic.com.br>. Acesso em: 23 abril 2009.
- GAMA, C.D. Engenharia Ambitual Subterrânea e Aplicações. Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2008.
- GARDNER, H. A nova ciência de Mente Humana: a história da revolução congñificativa. Nova York: Basic Books, 1985.
- GARDNER, H. Arte, Mente e Cerebro. São Paulo, Artmed, 1997
- GARDNER, H. Criança pré escolar. São Paulo, A., 1994
- GARDNER, H. Inteligências Múltiplas – A teoria na prática. São Paulo, Artmed, 1995
- GARDNER, H. Inteligências: múltiplas perspectivas. São Paulo, Artmed, 1995
- GARDNER, H. Liderando mentes: a anatomia da liderança. São Paulo, Rocco, 1995

GARDNER, H. Como as crianças pensam e como as escolas deveriam ensinar. São Paulo, Artmed, 1991

GARDNER, H. Teoria das Inteligências Múltiplas (on line) 1994. Disponível em <http://www.webartigos.com.br>. Acesso em: 23 abril 2009.

MACHADO, N. Oficina de livros. Câmara Brasileira de Livros, Catalogação na Fonte, 1981

MAHEU, A.C. Interdisciplinariedade e Meditação Pedagógica (on line). Disponível em <http://www.nuppead.unifacs.br/artigos/interdisciplinariedade.pdf>. Acesso em: 18 junho 2009.

MALKUS, R.D., COOKS D. S. E PLESHA, M.E. Conceitos e aplicações de análises de elementos finitos. John Wiley e Sons, 1994

MEC. PARECER nº 699/71. Regulamenta o capítulo IV da Lei 5.692/71. 06 de julho de 1972. Constituição Federal de Educação. Rio de Janeiro.

LIMA, H. R. Interdisciplinaridade e a Orientação do Educador. Ribeirão Preto, Paidéia USP, 1994

LURIA, A.R. Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo, Cone, 1981

www.mec.gov.br. Acessado em 24 abril 2009.

www.brasile scola.com. Acessado em 22 abril 2009.

www.bumeran.com.br. Acessado em 24 abril 2009.

www.cienciasecognicao.org.coe.sdsu.edu. Acessado em 23 abril 2009.

www.criatividade.files.wordpress.com.dg.cnpq.br. Acessado em 23 abril 2009.

www.einst.com. Acessado em 22 abril 2009.

www.homemdemello.com.br. Acessado em 24 abril 2009.

www.nucleocrescer.com.br. Acessado em 23 abril 2009.

www.oestrangeiro.net. Acessado em 23 abril 2009.

www.plenitude.com.br. Acessado em 24 abril 2009.

www.psico logianet.com.br. Acessado em 24 abril 2009.

BIBLIOGRAFIA

GARDNER & HATCH, 1989. Blythe & Gardner, 1990

KONHABER & GARDNER, 1989. Blythe & Gardner, 1990

WALTERS & GARDNER, 1985. Blythe & Gardner, 1990